

Resenha

Vida é jogo! Ensaios de História, Cinema e Esporte¹

por Vicente Gil da Silva²

Nos últimos anos, há uma tendência, especialmente na cinematografia hollywoodiana, mas não só, em lançar filmes cujos conteúdos remetem a algum evento histórico significativo. Naturalmente, temas como as guerras mundiais e outros conflitos entre nações são alguns dos assuntos preferidos. É também freqüente a preocupação em produzir filmes relacionados a acontecimentos desta natureza e que, ao mesmo tempo, apresentam como pano de fundo um enredo que consiga cativar a atenção do público. Nada melhor do que utilizar o esporte para este fim, uma vez que se trata de um fenômeno verdadeiramente de massas: o espectador, grudado na cadeira com cenas de boxe, futebol ou rúgbi, é despertado para a importância do evento histórico em questão.

O esporte, enquanto um elemento dramático da trama fílmica, serve para tratar não apenas de eventos históricos que envolvam multidões, como uma guerra mundial, mas também para apresentar a vida de personagens comuns. Veja-se o caso do filme *O Vencedor*, que se utiliza do boxe para tratar, entre outras coisas, das relações de uma família que vive em uma cidade dos arredores de Boston. Ou, então, quando o esporte é apresentado enquanto elemento que aglutine as transformações e/ou as conseqüências de um evento do passado, mas como uma perspectiva de como poderiam ser as relações sociais no futuro.

Estes elementos, entre outros, foram muito bem captados e analisados em um novo livro organizado por Guazzelli, Domingos, Beck e Quinsani, *Vida é jogo! Ensaios de História, Cinema e Esporte*. Como em obras anteriores³, este livro é resultado de um projeto de extensão do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em que foram projetados dez filmes, tendo sido realizados debates conduzidos pelos palestrantes, que foram também os autores dos textos contidos no livro. A novidade desta obra é a inclusão do esporte como pano de fundo dos filmes apresentados e como eixo de análise dos textos.

E esta escolha rendeu belas análises, de larga abrangência histórica, que vão desde a Revolução Agrícola, como no texto de Guazzelli sobre o filme *Os cavaleiros de Buzkhashi*, até o ano de 2018, cenário projetado pelo filme *Rollerball*, objeto de discussão de Guazzelli e Beck. É impossível num espaço como este apresentar os diferentes temas discutidos nos

¹ GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos; DOMINGOS, Charles Sidarta Machado; BECK, José Orestes, QUINSANI, Rafael Hansen. *Vida é jogo! Ensaios de História, Cinema e Esporte*. Porto Alegre: Letra & Vida, 2011.

² Licenciado e Mestre em História pela UFRGS. Professor de Teoria da História da UFAC.

³ Para citar apenas dois exemplos: Padrós, E. S.; Guazzelli, C. A. B. (orgs.). 68: História e Cinema. Porto Alegre: EST Edições, 2008; Guazzelli, C. A. B.; Domingos, C. S. M.; Beck, J. O.; Quinsani, R. H (orgs.). *A Prova dos 9: a história contemporânea no cinema*. Porto Alegre: Suliani Letra & Vida; EST Edições, 2009.

textos. Por isso, destacarei apenas duas características gerais (que aparecem explícita ou implicitamente) nas análises do referido livro: os personagens, reais ou imaginários, apresentados nas películas são na verdade elementos típicos, que sintetizam, enquanto indivíduos, as grandes contradições e mudanças sociais vividas pela humanidade; de outro lado, a capacidade crítica que os autores apresentaram ao relacionar o filme em si a questões sócio-políticas maiores.

A representação de personagens típicos, ou seja, a descoberta de caracteres e situações típicas que expressam as mais importantes tendências da evolução social na forma da expressão artística, não é uma característica específica do cinema, mas da arte em geral. Tomemos o caso de grandes personagens da literatura, como Julien Sorel de *O vermelho e o negro*, Luciano de Rubempré de *As ilusões perdidas*, e veremos como tais personagens, entre tantos outros exemplos, representam as mais importantes contradições sociais, morais e psicológicas de uma época, articulando-se em uma unidade viva nos indivíduos. Como diria Lukács, “na representação do tipo, na criação artística típica, fundem-se o concreto e a lei, o elemento humano eterno e o historicamente determinado, o momento individual e o momento social universal”⁴. No caso do cinema, estes personagens podem ganhar um caráter dramático ainda maior em função dos recursos técnicos ausentes nas outras expressões artísticas, como a conjunção entre som e imagem em movimento e os *flash-backs*. Nelson Mandela, seu grupo de seguranças e Piennar em *Invictus*, Eric Bishop em *A procura de Eric*, Tati Benitez em *El camino de San Diego*, Harold Abrahams e Eric Liddel em *Carruagens de fogo*, Uraz de *Os cavaleiros de Buzkashi*, a seleção alemã campeã mundial de futebol em 1954, retratada em *O milagre de Berna*, Billy e Sidney de *Homens brancos não sabem enterrar*, Jonathan E. de *Rollerball*, Avner de *Munique* e Rocky Balboa de *Rocky IV* são exemplos de personagens que representam uma síntese das principais tendências da evolução social da humanidade, cada qual em distintas épocas, o que lhes confere peculiaridades distintas.

Naturalmente, na composição da obra artística, cinema inclusive, a representação de um personagem típico não é uma garantia de que a obra será de qualidade. É necessário um enredo que garanta, de um lado, um mínimo reflexo (que nada tem a ver com cópia ou espelhamento) da realidade histórica vivida, pouco importando se, para tanto, seja utilizada uma abordagem realista ou uma que contenha elementos fantásticos. Tome-se o exemplo de um filme como *Munique*, em que há uma evidente abordagem realista, e o filme *Rollerballs*, em que é projetado um cenário de futuro com elementos fantásticos. Embora com ênfases distintas, ambos os filmes são capazes de colocar em relevo os aspectos mais essenciais da vida, seja no passado, no presente ou de tendências de futuro (que também fazem parte da história). Poderíamos adaptar a afirmação de Rafael Hansen Quinsani, organizador do livro e autor de um dos textos que o integram, que “não se fantasia gratuitamente, pois não somos

⁴ Lukács, G. “Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels”. In: Netto, J. P.; Yoshida, M. C. *Cultura, arte e literatura* (textos escolhidos). Karl Marx e Friedrich Engels. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 27.

indivíduos descolados de uma base social, que não se desmancha tão facilmente no ar ou nas luzes de um cinematógrafo”⁵.

O conteúdo expresso pelo enredo, no caso particular do cinema, é quase sempre um tipo de relato dramático muito rápido, ao contrário da literatura, em que o autor dispõe de quantas páginas quiser para compor os elementos dramáticos da caracterização de seus personagens e de sua trama. Por isso, é frequente ver, em certos filmes, que esta rapidez na descrição, seja dos personagens ou das situações por ele vividas, possa vir a interferir na dramaticidade tanto destes quanto daquelas. Para conseguir superar esta possível falta de dramaticidade – que não necessariamente é um aspecto negativo do cinema, pelo contrário, trata-se de uma de suas características enquanto forma de expressão artística – os cineastas costumam lançar mão de recursos técnicos na composição de seus filmes. E, neste sentido, colocar o esporte como elemento importante do enredo abre uma possibilidade – mas não uma garantia – de que a dramaticidade da trama e dos personagens consigam ser melhor representados na tela. Neste sentido, o boxe, como argutamente salientou Fatimarlei Lunardelli, autora de um dos textos do livro, “é um tema rico da perspectiva cinematográfica, pois propicia cenas de intensa dramaticidade”⁶. Mas há que se diferenciar entre a capacidade de criação de uma atmosfera dramática que provoque sensações apenas momentâneas no espectador, que se esvaem tão logo a sessão termina, e aquelas que estimulam uma reflexão mais profunda no público.

Outro aspecto que chama atenção na leitura do livro é a capacidade demonstrada pelos autores de reflexão crítica às relações entre o conteúdo do filme e o quadro histórico geral do momento em que o este foi produzido. Para citar somente dois exemplos, destaco as análises de Miguel Stédile sobre o filme *Carruagens de Fogo* e de Gerson Wasen Fraga e Cesar Guazzelli acerca de *O milagre de Berna*. Stédile é claro quanto este aspecto, e destaca que não é casual que o lançamento do referido filme tenha sido justamente no período em que Margareth Thatcher passava por uma crise de popularidade em função de suas políticas conservadoras. Como o filme resgata os valores dos feitos individuais no esporte (que se coadunam muito bem com a ideologia do individualismo neoliberal) de forma a voltar a unificar a nação inglesa que se reerguia no período entreguerras, afirma Stédile que “reivindicar estes mesmos valores em 1981” – ano em que o filme foi lançado – “num período de crise econômica e política, parece compreensível. (...)”; e, para ele, “talvez não seja casual que o filme tenha estreado poucos meses antes do casamento do príncipe Charles, um espetacular evento midiático, e um ano antes da guerra das Malvinas”. Em outras palavras, o autor considera que “o conservadorismo de *Carruagens de fogo* está em consonância com os sentidos de sua época”⁷.

De outra parte, Fraga e Guazzelli mencionam os silêncios (e não só os evidentes méritos) de *O milagre de Berna*. Como exemplo dos silêncios, os autores se referem ao personagem do Sr. Lubanski, pai de um dos atletas da seleção alemã, que aparece no filme

⁵ *Vida é jogo!*, p. 68-9.

⁶ *Idem*, p. 43.

⁷ *Ibid.*, p. 136.

como o único representante dos valores do nazismo: isto remete, dizem os autores, “ao tamanho das feridas ainda abertas em 1954, mas também à inconveniência de citá-las cinco décadas mais tarde” – período em que o filme foi produzido e lançado – “quando a Europa adentrava em um novo ciclo de ‘direitização’ política e crise econômica”. Em outras palavras, os autores aqui se referem ao problemático processo de desnazificação da sociedade alemã. Além disso, os autores fazem referência ao personagem Bruno, única referência à Alemanha Oriental da época apresentada pelo filme, demonstrando que isto é perfeitamente compreensível se levarmos em consideração que, mesmo após a reunificação, “diferenças entre os dois lados da nação ainda eram perceptíveis”⁸. Em suma, a capacidade crítica de vincular os filmes ao “espírito” da época de produção e lançamento é uma marca de todos os textos presentes no livro, não somente aos quais fiz referência explícita.

Estes são alguns dos méritos deste novo livro. Nunca é demais destacar que a iniciativa de lançamento desta obra é fruto de um projeto já consolidado há mais de cinco anos, que envolve professores e alunos do Departamento de História da UFRGS, e que conta com a colaboração de autores de diferentes áreas do conhecimento e participação da comunidade em geral. O leitor ainda encontrará informações factuais importantes sobre os eventos históricos aos quais os filmes fazem referência, reflexões teóricas sobre as relações entre história e cinema, além de fichas técnicas dos filmes analisados. A qualidade das análises (que não se resume aos aspectos acima mencionados) já justificaria por si só a leitura do livro. A universidade pública brasileira necessita de mais iniciativas como esta.

⁸ Ibid., p. 66-7.